

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 37

2020

Nº 231 / 2

MARÇO – ABRIL – MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217 647 441	Editorial	2
	Recordando Allan Kardec	6
	Seja feita a Vossa Vontade...	12
	O feio e ineficiente costume...	14
	Fé (soneto)	17
*	Testemunho de V. Sardou	18
Director Responsável : Manuela Vasconcelos	A disciplina e os C. Espíritas	22
	A Cruz Vazia	26
	Lasciate ogni speranza...	28
*	De que serve fugir?...	29
	Na hora da transição	33
Distribuição Gratuita	Na hora que passa recordemos	38
	Divino Amigo, Vem!...	39

*

EDITORIAL

Vamos transcrever, aqui, as palavras que publicámos no nosso site, sobre a situação que surgiu – para a qual não estávamos preparados, ou antes, ninguém estava preparado – para todos nós, a nível mundial, e que, melhor ou pior, estamos tentando viver – e mais – enfrentar!

(...) O tema, como não podia deixar de ser, é a epidemia mundial que todos nós, em qualquer país, estamos enfrentando – uns com mais coragem que outros, uns recordando, realmente, que a nossa passagem pela Terra, planeta ainda de expiação, é sempre uma passagem temporária, porque o nosso verdadeiro mundo é o espiritual.

Porquê esta epidemia mundial, porquê tantas mortes e tanto sofrimento? Porquê o não se ter descoberto, ainda, o medicamento que eliminaria de imediato este vírus, porquê? Porquê? Porquê?

O povo, a qualquer coisa de inexplicável que suceda, tem sempre aquela justificação do “porque Deus quer”... e, realmente, nós sabemos que nada acontece sem que Ele o permita – mas uma epidemia assim, a uma escala mundial, e ao mesmo tempo para todos, para além de assustar principalmente os que não têm fé, faz que cada um pense um pouco mais nos porquê ou razões do que se está a viver...

Eu penso – e desculpem-me por falar na 1ª pessoa -, eu penso, recordando os últimos anos vividos e naquilo que fomos presenciando, que o Senhor quis pôr um travão no nosso comportamento: estávamos todos a perder o que de bom já tínhamos conseguido e a preocuparmo-nos demais com a parte

material da vida; fizemo-lo, fazíamos-lo, mas virando o rosto ao nosso irmão mais carente, ali mesmo ao nosso lado, e de quem não queríamos conhecer as suas dificuldades; fizemo-lo, olhando para nós e para o nosso supérfluo, esquecidos, muitas vezes, de olharmos mais carinhosamente os que coabitavam conosco, e – mais que de coisas materiais – precisavam sentir o nosso carinho, o nosso amor. Quantas vezes um filho não se terá aproximado da mãe ou do pai para um afago sendo afastado com palavras não ríspidas mas que diziam: não me incomodes agora!

Quantas vezes o filhote não terá começado um abraço e ouvido de sua mãe: agora, não, que me estragou o penteado!

Nas casas da maioria de nós, abundam as T.VS., quase que uma em cada divisão; e a família, assim separada pelos seus interesses e gosto imediato pelo programa que mais satisfazia um e outro, foi-se afastando, isolando, esquecidos da presença, esquecidos da comunicação e participação no dia a dia de cada um!... E quando não era a TV, era o telemóvel, cada um usando o seu, sem se preocupar com o companheiro (familiar) ali mesmo ao seu lado, que acabava também por fazer o mesmo!

E há ainda aquelas outras famílias que, para facilitarem o dia a dia, têm mais de um carro: um para cada membro e, se houver possibilidade, ainda mais um para o filho mais velho... e aquele transporte, que devia apenas ser para mais facilitar o dia de cada um – *o tempo que se perde à espera de um autocarro! As voltas que se dão, com um carro só, a distribuir a família pelos locais onde devem ficar!* – vai separando, afastando uns dos outros...

Somos famílias de pessoas isoladas que vivem em conjunto! Não sabemos nada uns dos outros ou sabemos pouco de cada um!

Cada um de nós foi perdendo o conceito do que é uma família!

Esta quarentena, obrigando uns e outros a ficarmos em casa, no contacto familiar, trouxe ao de cima aquele conviver que já tinha deixado de existir: aos poucos, fomos criando situações de convivência uns com os outros, voltaram a acontecer conversas, brincadeiras com os filhos... Voltou a haver ternura!

Costuma dizer-se que Deus, tudo o que faz é bem feito... e Ele, com esta epidemia, voltou a juntar e a “acordar” as famílias!... Foi como uma outra oportunidade que Ele nos concedeu, para sermos... melhores! Vamos aproveitá-la e modificar aquilo que esteja menos bem em nós!

As dificuldades materiais que vamos encontrar, depois de tudo passar e procurarmos voltar à normalidade que tínhamos antes, não sabemos ainda bem quais serão: dizem-nos que o “antes” não vai voltar, não vai acontecer! Vamos ter que nos unir num mesmo esforço para vivermos com o que surgir... talvez com menos empregos, talvez com menos dinheiro, com ordenados menores, e, quando tal aconteça, pondo de parte a ideia das aquisições supérfluas e, recordando, talvez, aquele familiar, ou amigo, ou vizinho que pode estar em dificuldades maiores que as nossas e procurando medir as nossas dificuldades para minorar as dos outros...

O recomeço vai trazer-nos à mente, amiudadas vezes, penso, o Mandamento do “Amai-vos uns aos outros”, completado

por Jesus quando recomendou: “Amai-vos uns aos outros, como EU vos amei!”

Para a Terra deixar de ser um mundo de expiação e tornar-se em regeneração, esta crise era necessária: tal como fazemos no “nosso mundo”, não podemos mudar de casa, deixando aquela que habitamos e partindo para outra, nova, sujando-a logo à entrada com todas as coisas que levamos connosco e de que não fizemos selecção por nos continuarem a ser – ou não – úteis.

A Terra nova, não pode manter, no seu bojo, o egoísmo, o orgulho, a inveja... Tudo isto tem de deixar de fazer parte de cada um de nós e da nossa “bagagem”...

Levemos connosco, agora e sempre, aquele sentimento que deixámos adormecer, senão congelar – o sentimento do Amor, que gera o carinho de uns para com os outros!... e então, sim, poderemos aspirar a habitar a Terra – mundo de regeneração!

*

Não sabemos ainda quando nos será possível reabrirmos a nossa Casa – o nosso Centro – mas, lembramos, ainda aqui, que o coração de cada um será sempre o Centro melhor para as nossas conversas com o Senhor, com Jesus, com Maria... invoquemo-los sempre, com Fé, com sinceridade, nas preces que façamos, na certeza de que seremos escutados e Eles estarão connosco. Muita paz para todos.

A DIRECÇÃO

Fé inabalável somente aquela que pode encarar a Razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade. – Allan Kardec.

RECORDANDO ALLAN KARDEC

FLAGELOS DESTRUIDORES

Q. 737 – Com que fim Deus castiga a Humanidade com flagelos destruidores?

- Para fazê-la avançar mais depressa. Não dissemos que a destruição é necessária para a **regeneração moral dos Espíritos** (o sublinhado é nosso), que adquirem em cada nova existência um novo grau de perfeição? É necessário ver o fim para apreciar os resultados. Só julgais essas coisas do ponto de vista pessoal, e as chamais de flagelos, por causa dos prejuízos que vos causam; mas esses transtornos são frequentemente necessários para fazerem que as coisas cheguem mais prontamente a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos.

Q. 738 – **Deus não poderia empregar, para melhorar a Humanidade, outros meios que não os flagelos destruidores?**

- **Sim, e diariamente os emprega, pois deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem quem não os aproveita; então, é necessário castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir a sua fraqueza.** (O destaque é nosso).

Q. 738 a – Nesses flagelos, porém, o homem de bem sucumbe com os perversos; isso é justo?

- Durante a vida o homem relaciona tudo ao seu corpo, mas após a morte pensa de outra maneira. Como já dissemos, a vida do corpo é um quase nada: um século do vosso mundo é **um relâmpago na eternidade**. Os sofrimentos que duram alguns dos vossos meses ou dias, nada são, apenas um ensinamento que vos servirá no

futuro. Os Espíritos que preexistem e sobrevivem a tudo formam o mundo real. (*Q. 85 – Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo é o principal na ordem das coisas? - O mundo espírita; ele preexiste e sobrevive a tudo*). São eles os filhos de Deus e o objectivo de sua solicitude; os corpos não são mais que disfarces sob os quais aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens eles são como um exército que, durante a guerra, vê os seus uniformes estragados, rotos ou perdidos. O general tem mais cuidado com os soldados do que com as vestes.

Q. 738 b – Mas as vítimas desses flagelos, apesar disso não são vítimas?

- Se considerássemos a vida no que ela é, e quanto é insignificante em relação ao infinito, menos importância lhe daríamos. Essas vítimas terão noutra existência uma larga compensação para os seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.

Que a morte se verifique por um flagelo ou por uma causa ordinária, não se pode escapar a ela quando soa a hora da partida: a única diferença é que no primeiro caso, parte um grande número ao mesmo tempo.

Se pudessemos elevar-nos pelo pensamento de maneira a abranger toda a Humanidade numa visão única, esses flagelos tão terríveis não nos pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo.

Q. 739 – Esses flagelos destruidores têm utilidade, do ponto de vista físico, malgrado os males que ocasionam?

- Sim, eles modificam algumas vezes o estado de uma região; mas o bem que deles resulta só é geralmente sentido pelas gerações futuras.

Q. 740 – Os flagelos não seriam igualmente provas morais para o homem, pondo-o às voltas com necessidades mais duras?

- Os flagelos são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar a sua paciência e a sua resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo que **lhe permitem desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo** (o destaque é nosso), se ele não for dominado pelo egoísmo.

Q. 741 – É dado ao homem conjurar os flagelos que o afligem?

- Sim, em parte, mas não como geralmente se pensa. Muitos flagelos são a consequência de sua própria imprevidência. À medida que ele adquire conhecimentos e experiências pode conjurá-los, quer dizer, preveni-los, se souber pesquisar-lhe as causas. Mas entre os males que afligem a Humanidade, há os que são de natureza geral e pertencem aos desígnios da Providência. Desses, cada indivíduo recebe, em menor ou maior proporção, a parte que lhe cabe, não lhe sendo possível opor nada mais que a resignação à vontade de Deus. Mas ainda esses males são agravados pela indolência do homem.

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados, em primeira linha a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas o homem não achou na Ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, nos atolamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiénicas os meios de neutralizar ou pelo menos de atenuar tantos desastres? Algumas regiões antigamente devastadas por terríveis flagelos não estão hoje resguardadas? Que não fará o homem, portanto, pelo seu bem estar material, quando souber aproveitar todos os recursos da sua inteligência e quando, ao cuidado da sua preservação pessoal souber aliar o sentimento de uma verdadeira caridade para com os semelhantes? (Q. 707

- Os meios de subsistência faltam frequentemente a certos indivíduos, mesmo em meio da abundância que os cerca; a que se

deve ligar esse facto? – Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem; em seguida, e o mais frequentemente, a eles mesmos. Buscai e achareis: estas palavras não querem dizer que seja suficiente olhar para a terra a fim de se encontrar o que se deseja, mas que é necessário procurar com ardor e perseverança, e não com displicência, sem se deixar desanimar pelos obstáculos que muito frequentemente não passam de meios de pôr à prova a vossa constância, a vossa paciência e a vossa firmeza. Q. 534 – Quando os obstáculos parecem vir fatalmente contra aos nossos projectos, seria por isso influência de algum Espírito? – Algumas vezes são os Espíritos; outras vezes, e o mais frequentemente, é que vos colocastes mal. A posição e o carácter influem muito. Se vos obstinais numa senda que não é a vossa, os Espíritos não têm nada com isso: sois vós mesmos que vos tornais o vosso mau génio).

Q. 773 – Por que pais e filhos não se reconhecem entre os animais, quando os últimos não precisam mais de cuidados?

-Os animais vivem a vida material, não a moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação aplicado aos seres que deu à luz. Quando esses seres podem cuidar de si mesmos, sua tarefa está cumprida e a Natureza nada mais lhe exige. É por isso que ela os abandona, para se ocupar de outros que chegam.

Q. 774 – Há pessoas que deduzem, do abandono das crias pelos animais, que os laços de família entre os homens não são mais que o resultado de costumes sociais e não uma lei natural. Que devemos pensar disso?

- O homem tem outro destino que não o dos animais; por que, pois, querer sempre identificá-los? Para ele, há outra coisa além das necessidades físicas: há a necessidade de progresso. Os liames sociais são necessários ao progresso e os laços de família resumem

os liames sociais: eis porque eles constituem uma lei natural. Deus quis que os homens, assim, aprendessem a amar-se como irmãos.

Q. 775 - Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

- **Uma recrudescência do egoísmo.** (O destaque é nosso).

Q. 783 – O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre uma marcha progressiva e lenta?

- Há o progresso regular e lento que resulta da força das circunstâncias; mas quando um povo não avança bastante rápido, Deus lhe provoca, de tempos a tempos, um abalo físico ou moral que o transforma. (*Recordamos aqui o tsunami acontecido no dia 26 de Dezembro de 2002: também “aqui” o abalo foi para todo o mundo, considerando que estavam ali reunidas pessoas das mais diversas nacionalidades, e que foram vítimas do mesmo. O povo esqueceu depressa...*)

Sendo o progresso uma condição da natureza humana ninguém tem o poder de se opor a ele. É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não asfixiar. Quando essas leis se tornam de todo incompatíveis com o progresso ele as derruba com todos os que a querem manter, e assim será até que o homem harmonize as suas leis com a justiça divina, que deseja o bem de todos e não as leis feitas para o forte em prejuízo do fraco.

O homem não pode permanecer perpetuamente na ignorância, porque deve chegar ao fim determinado pela Providência; ele se esclarece pela própria força das circunstâncias. As revoluções morais, como as revoluções sociais se infiltram pouco a pouco nas ideias, germinam ao longo dos séculos e depois explodem subitamente, fazendo ruir o edifício carcomido do passado, que não se encontra mais de acordo com as necessidades novas e as novas aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, mais do que a desordem e a confusão momentâneas que o atingem nos seus interesses materiais, mas aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais admira os desígnios da Providência, que do mal fazem surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido.

Q. 785 – Qual o maior obstáculo ao progresso?

- São o orgulho e o egoísmo. Quero referir-me ao progresso moral, porque o intelectual avança sempre. Este parece, aliás, à primeira vista, duplicar a intensidade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o amor das riquezas, que por sua vez incitam o homem às pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. É assim que tudo se relaciona no mundo moral como no físico e que do próprio mal pode sair o bem. Mas esse estado de coisas durará apenas algum tempo; modificar-se-á à medida que o homem compreender melhor que além do gozo dos bens terrenos existe uma felicidade infinitamente melhor e infinitamente mais durável.

ALLAN KARDEC

(In: O Livro dos Espíritos: Livro Terceiro – As leis Morais – Cap. VI: Lei de Destruição, II Flagelos Destruidores; Cap. VII: Lei de Sociedade – III Laços de Família; Cap. VIII: Lei do Progresso – Marcha do Progresso).

*

... SEJA FEITA A VOSSA VONTADE...

Quatro, cinco palavras da primeira parte da oração dominical que Jesus há mais de dois mil anos nos ensinou e, se nos perguntarmos o porquê das mesmas, teremos que nos debruçar sobre a maneira de ser de cada um de nós, do orgulho e egoísmo que nos comandam (que nos escravizam, por vezes), e da necessidade de compreendermos que temos que aprender a viver humildade: de Deus tudo nos vem; tudo o que possuímos é Seu, que no lo empresta enquanto nos seja necessário, mas que, da mesma maneira que nos dá assim nos pode tirar, se não agirmos, se não nos comportarmos de acordo com a Sua Lei.

Quando os Espíritos Superiores nos ensinam que a Lei de Deus está gravada na nossa consciência (Q. 621 de ‘O Livro dos Espíritos’) eles estão a chamar a nossa atenção para a importância da mesma e de quanto deveremos, sempre, fazer por a cumprir; por outro lado, vivendo com ela em nós, estamos sempre a ser guiados, e se a nossa indiferença nos pode tornar incapazes de percebermos a Sua advertência quando agimos de maneira contrária à mesma, só teremos, depois, de nos lamentarmos do agir errado que nos condenou no imediato à Lei de Causa e efeito...e se Jesus nos advertiu de que cada um “pagará em função do seu conhecimento”, não podemos, no entanto, considerar-nos como crianças inconscientes que nunca sabem o que fazem!

“Seja feita a Vossa Vontade”, adverte-nos que estamos todos submetidos ao Pai, que nos criou e que, embora tendo-nos concedido a liberdade de agir como quiséssemos, somos sempre responsáveis pelo bom ou mau uso dessa mesma liberdade... e o que fizermos de errado terá de ser reparado, mais tarde ou mais cedo, depois – quase sempre – das muitas advertências que de uma e outra maneira vão chegando até nós para que nos modifiquemos.

Digamos que a nossa rebeldia, a nossa indisciplina é que criaram o sofrimento que surge no caminho de cada um – e embora vamos apontando o dedo ao Senhor, como o causador do mesmo, só temos que recordar que Ele é Perfeição Absoluta, nada fazendo de errado; os imperfeitos somos nós, que continuamos fugindo ao caminho do Bem e procurando os atalhos que não só atrasam a nossa jornada como a dificultam, com os obstáculos que criamos para nós mesmos.

Dizemo-nos adultos, maiores e revacinados (!!!) mas continuamos a agir como seres ignorantes que colocaram à frente dos olhos uns “óculos de lentes cor de rosa” que apenas nos iludem e enganam.

Já é mais que Tempo de crescermos: como criaturas criadas por Deus – que deixou em nós a ‘semente’ do Amor, para que a fossemos desenvolvendo, o que, realmente, não parece estar a acontecer.

Porque nos custa tanto a busca da perfeição para que Ele nos criou? Porquê a fuga quase constante que vamos fazendo, esquecendo o Amor, esquecendo a perfeição que devemos buscar, esquecendo o próprio Deus que nos aguarda, sem se cansar dessa espera, enquanto Lhe vamos acenando de longe, com medo de nos aproximarmos, talvez, sem percebermos que o nosso afastamento só faz de nós criaturas infelizes?

Já é mais que Tempo de percebermos as palavras da Oração que Jesus nos ensinou, e aprendermos a vivermos e convivemos com elas – afinal, todos nós queremos ter o direito de habitar o novo mundo de regeneração que nos têm anunciado...

Será que não percebemos ainda que essa ‘nova morada’ que o Senhor nos quer proporcionar a todos não se consegue sem que nos esforcemos por sermos melhores? Com amor, com fraternidade, com humildade?...

Somos todos espíritos milenares: o Tempo de aprender já passou; agora, é Tempo de mostrarmos que sabemos, que aprendemos a lição!

MANUELA VASCONCELOS

*

O FEIO E INEFICIENTE COSTUME DE FAZER PROMESSAS

Devemos perder o feio costume de tentar subornar a Divindade por meio de promessas falaciosas. – Hermínio C. Miranda.

Jesus expulsou do Templo os mercadores... Sabemos que Deus não faz transacção comercial com Suas bênçãos e tão pouco vende os benefícios concedidos...

Raciocinemos com o Mestre Lionês¹: “*pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poder-se-á ter por lícito o comércio com as do Soberano do Universo?*”

É triste, deprimente e inútil o espectáculo oferecido *pelos “pagadores de promessas”* ou mesmo daqueles que pretendem algum *milagre”* ou *“graça”* do santo de sua preferência ou mesmo de Deus. São criaturas apegadas à mais santa ignorância, essas que se arrastam pelo chão, de joelhos, carregam cruces e quejandos, se autoflagelam até sangrar, com a intenção egoísta de obterem condescendências especiais do Mais Alto. Tal situação é o resultado da interacção do fanatismo com a ignorância...

Diz Kardec: *“Deus nunca obra caprichosamente e tudo no Universo se rege por Leis nas quais se revelam a Sua sabedoria e bondade”*.

Em unísono com Kardec, afirma Lins de Vasconcelos: *“diferentemente da maioria das correntes religiosas com relação ao futuro e à Justiça Divina, o Espiritismo não se utiliza de técnicas de indulgências humanas em estreito comércio com a Divindade para liberar os seus profítentes dos delitos perpetrados. Evoluindo com o progresso, estabelece: “nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei”*.

A colheita compulsória é sempre proporcional à livre sementeira nas questões do Espírito. Estamos no presente não só colhendo os frutos de nossas acções passadas, mas também semeando para as futuras colheitas...

Arrastar o joelho pelo chão, carregar cruces e quejandos é um modo ingénuo e ineficiente de cancelar os nossos débitos. Deus não dá atenção a isso, assim como não valoriza o arrependimento estéril e egoísta.

Segundo explicação que deram os Espíritos Superiores a Kardec: *“a perda de um dedo mínimo prestando serviço ao*

próximo, apaga mais faltas que o suplício da carne suportado durante anos, com objectivo apenas pessoal”.

Só por meio do bem se repara o mal e a reparação nenhum mérito apresenta se não atingir o homem no seu orgulho, nem nos seus interesses pessoais, ou seja, nos interesses materiais: *De que lhe serve humilhar-se diante de Deus se, perante os homens, conserva o seu orgulho?²”*

Na economia celestial, o empenho de cada um no combate ao egoísmo, no amor ao próximo e no esforço constante para suprimir as mazelas espirituais de várias ordens que trazemos no ímo do ser, são créditos em nossa ficha onerada de débitos escabrosos.

O que realmente alterará a situação de penúria espiritual será o trabalho íntimo e sincero de aprimoramento moral. Há que se empenhar firmemente desde agora, a fim de que a sementeira actual produza amanhã os frutos sazonados da paz e da felicidade sem mescla.

Não é o corpo somático que devemos flagiciar e sim o Espírito, erradicando o egoísmo, o orgulho e a vaidade... Deus não se deixa subornar por promessas vãs e falaciosas desse feio e ineficiente costume humano acoroçado pela ignorância.

1 – KARDEC, Allan *O Evangelho Seg. o Espiritismo*. 129. Ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2009, cap. XXVI, item 4;

2 – KARDEC, Allan *O Livro dos Espíritos* – perg. 1000.

ROGÉRIO COELHO
Manhuaçu – M. G. – Brasil

F É

Quem pôs ouro na areia e pôs na fonte
Água que mata a sede e vem regar
A terra que dá pão? Quem fez o mar?
Quem fez a várzea, e o vale, e fez o monte?

Quem pôs na linha fina do horizonte
Tantos rubis – na tarde a agonizar?
Quem deu à noite a prata do luar?
Quem deu à ideia o berço duma frente?

Quem deu brancura aos lírios, cheiro às rosas?
Quem fez brotar das almas misteriosas
O amor da fantasia alegre ou triste?

Quem pôs astros sem fim no firmamento?
E pôs em cada pedra um pensamento?
Responde agora, ateu: Deus não existe?

PEDRO HOMEM DE MELO

TESTEMUNHO DE VICTORIEN SARDOU

MEMBRO DA ACADEMIA FRANCESA

Meu caro Ram-Bauld: - há 40 anos que observo, como curioso, os fenómenos que, sob os nomes de magnetismo, sonambulismo, êxtase, segunda vista, etc., davam em minha mocidade motivo ao riso dos sábios. Quando eu me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência em que o meu cepticismo cedia à evidência, que explosão de chacota!

Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor meu amigo, a quem falei de uma jovem que caía em catalepsia por passes magnéticos. Ela ouvia tiros de espingarda e sentia um ferro em brasa a queimar-lhe a nuca.

- “Qual! – me respondia o homem. As mulheres são tão enganadoras!...”

Ora, todos estes factos sistematicamente negados naquele tempo, são hoje aceites e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de feitiçaria. Não há dia em que algum jovem sábio não me traga novidades que eu já conhecia antes que ele tivesse nascido.

Não há mudança senão no nome. Não é o *magnetismo*, ‘palavra que deve soar mal aos que o ridicularizaram; é o *hipnotismo*, a *sugestão*, designação que tem maior graça. Adoptando-se os novos termos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente uma mistificação, que foi esmagado, merecendo a ciência oficial, por essa razão, o nosso reconhecimento. Ela nos livrou de tal peste e, em troca, nos deu uma verdade científica: o hipnotismo, que, entretanto, é a mesma coisa.

Eu citava, um dia, a um habilíssimo cirurgião, o facto, hoje bem conhecido, da insensibilidade produzida em certas pessoas que olham fixamente para um espelho, para um corpo brilhante, de modo a provocar o estrabismo, e essa revelação foi recebida com ridículo e zombaria como um *espelho mágico*. Passaram os anos, e o mesmo cirurgião, vindo almoçar comigo, desculpa-se da demora por ter tido necessidade de arrancar um dente a uma jovem muito nervosa e tímida.

“Eu, disse-me ele, tentei sobre ela uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espelho metálico, fi-la dormir tão completamente que pude extrair o dente sem que ela o sentisse.”

A isso, redargui: Perdão, mas eu fui quem primeiro assinalou esse facto e vós meteste-lo a ridículo!

Desmantelado a princípio, o meu homem conquistou depressa a calma.

- “É certo, respondeu; mas vós me falaste de um facto de magia, e este é de hipnotismo!”

A ciência oficial trata das verdades desconhecidas sempre por este modo: depois de repeli-las com escárnio, apropria-se delas, mas tem o cuidado de mudar-lhe os rótulos. Enfim, qualquer que seja o nome que lhe dêem, elas têm adquirido o direito de cidade e, pois que os nossos sábios têm chegado a descobrir, na Salpêtrière, o que todo o país já teve ocasião de ver no tempo de Luiz XV, no cemitério de Saint-Médard, é de esperar que se dignarão ocupar-se um dia desse Espiritismo que julgam morto pelos seus desdêns, porém que jamais gozou de melhor saúde. Para isso não terão necessidade senão de mudar-lhe o nome, para

atribuírem a si o mérito de havê-lo descoberto, *depois de todo o mundo*.

Isso não será tão cedo, porque o Espiritismo tem que combater outros inimigos além daquela má vontade.

Tem ele contra si as experiências de salão, meio detestável de fazer investigações, e que não servem senão para confirmar os cépticos na sua incredulidade. Para sugerir aos vivórios, engenhosas mistificações, e para fazer dizer, aos espirituosos, chistasas tolices.

Tem mais que lutar contra os charlatães que fazem Espiritismo à Robert-Houdin, e contra os semi-charlatães, que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas e, por vaidade ou por especulação, suprem a insuficiência dos seus meios naturais por meios artificiosos.

Tem principalmente que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença de uma geração votada aos prazeres e aos interesses materiais, a fraqueza de carácter, cada vez mais acentuada num país onde ninguém tem mais a coragem das suas opiniões, preocupando-se com a do vizinho, não permitindo a si próprio adoptar uma, senão quando sabe que essa é a de todo o mundo.

Em qualquer matéria: artes, letras, política, ciências, etc., o que se teme mais é passar por ingénuo, que acredita em qualquer coisa, ou por entusiasta, tão inconsciente que se admira!

O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra e por uma bela obra, se vir que um céptico sorri, não vacila em zombar do que ia aplaudir, a fim de dar uma prova de que não é

menos perspicaz que os outros, e de que é muito esclarecido, pois que não é qualquer coisa que o satisfaz.

Como poderiam homens tão adstritos às opiniões dos outros, estejam embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, pelas provas mais decisivas, ousar confessá-lo em público, confessá-lo neste século sem fé, depois de Voltaire, depois de Proudhomme? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que soa aos ouvidos: Então, Senhor! o senhor também acredita no sobrenatural?

Não. Eu não admito o sobrenatural. Desde que um facto se dá, não se dá senão por efeito de uma lei natural, e portanto é natural.

Negar *à priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida, contestar a realidade do facto, porque ele não entra na ordem dos factos estabelecidos e das leis conhecidas, é erro de um espírito mal equilibrado, que julga conhecer todas as leis da natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa de um pobre homem!

Onde o espero, é no exame sério dos factos, quando for ele forçado a chegar aí. Prometo-lhe, então, algumas surpresas.

Recortado de um velho alfarrábio

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, Setembro/Outubro de 1942).

*

A DISCIPLINA E OS CENTROS ESPÍRITAS

Se consultarmos um qualquer dicionário sobre o significado de ‘disciplina’, encontramos em todos eles, mais ou menos, que *é o conjunto dos regulamentos destinados a manter a boa ordem em qualquer assembleia ou corporação; e, ainda, a boa ordem resultante da observância desses regulamentos.*

No facilitar da vida diária, que passamos num corre-corre constante, muitas vezes exigindo um dia de 48 horas e não de 24, habituamo-nos de tal forma a fazer tudo tão rapidamente que acabamos, pouco a pouco, com a disciplina que incutiram em nós em pequeninos. E com o viver assim, esquecemo-nos de parar e olhar para trás, ou à nossa volta, esquecemo-nos de analisar e de pensar!...

Acreditamos que esta forma de viver viciosa é, por vezes, a culpada da conduta das pessoas que, frequentando ou trabalhando em Centros Espíritas, não conseguem cumprir com a disciplina que aquelas Casas exigem a cada um.

Há sempre um que chega depois da hora, exigindo que se lhe abra a porta já fechada; que fala, quando se pede silêncio; que insiste em conversas negativas, desinteressantes, que apenas servem aos próprios e nem sequer se coadunam com o ambiente espiritual que é necessário preservar; que aguardam a retirada do responsável da sala, para começarem de imediato a segredar para o companheiro do lado – qual a criança na escola quando o professor se ausenta!

... e se se lhes fala em disciplina, as pessoas têm, por vezes, um sorriso um tanto irónico, como se perguntassem o propósito da disciplina num Centro Espírita. Outras, levam mais longe a sua conduta, e mesmo em tom de brincadeira a interrogação surge na demanda de ser o Centro um quartel ou colégio militar onde tem de se impor a ordem – tal como se comandássemos regimentos! Sorrimos das perguntas, dos comentários, enquanto lembramos que todas as tarefas de uma Casa Espírita têm Mentores designados para a sua assistência e auxílio – Mentores que não estão, unicamente, “ao nosso serviço” mas nos dão, caridosa e fraternalmente um bocadinho do seu tempo para um auxílio eficaz e seguro.

Se, leviana e irresponsavelmente, deixamos que o tempo passe, começando as reuniões hoje mais tarde, amanhã mais cedo, vamos afastando aqueles que, agindo em nome do Alto nos dão a sua presença amiga, por não poderem sujeitar-se ao nosso horário incerto. Em seu lugar outros virão, tal como nós, indisciplinados também, no tempo, na conduta, nas atitudes!

Disciplina... tão necessária num Centro Espírita que, não a havendo, qualquer um se torna “presa fácil” dos irmãos desencarnados interessados em provocar a desunião e a discórdia, empenhados em desacreditar as Casas Espíritas!

Ela deve ser, portanto, preocupação para toda uma conduta, que devemos tentar apaziguadora, fraternal, vibrátil, enfim... É por isso que, se num Centro ou Grupo Espírita, os seus componentes se dedicarem à intriga, à mentira, ao diz-que-diz; se a conduta de uns for intencionalmente mal interpretada por outros; se as palavras proferidas forem classificadas num segundo sentido e não apenas naquele para que foram proferidas, bem cedo as tarefas se começarão a ressentir da conduta irresponsável dos

tarefeiros ou frequentadores. E basta que seja um, apenas, a agir assim, para se estragar em dias o que se levou anos a edificar!

Allan Kardec é bem claro a este respeito quando, no cap. XXIX - § 337 de «O Livro dos Médiuns» esclarece:

“Pode-se, pois, estabelecer em princípio que todo aquele que numa reunião espírita provoca desordem ou desunião, ostensivamente ou por meios escusos, é um agente provocador ou, pelo menos, um mau espírita de que se deve desembaraçar (a sociedade), o quanto antes”.

Muitas vezes os dirigentes das Associações Espíritas contemporizam, pensando que se as pessoas agem errado é por falta de conhecimento; pensam, ainda, ser falta de caridade e amor ao próximo o tomarem uma atitude drástica, em princípio absolutamente contrária à finalidade da Casa, mas... *“Dir-se-á por certo que os membros de uma sociedade, agindo como dissemos, não seriam verdadeiros espíritas, desde que o primeiro dever que a doutrina impõe é o da caridade e da benevolência. Isso é perfeitamente justo. É por isso que os que assim pensam são espíritas mais de nome que de facto”.* (L. Médiuns, § 335).

Individualmente, somos de opinião que, entre dirigentes e tarefeiros não deve existir nenhum ‘muro de separação’ mas, antes, a afinidade que leva à colaboração estreita e eficaz; mas pensamos, igualmente, que se a responsabilidade de um Centro Espírita se encontra nas mãos de um dirigente, então, deverá haver sempre a lucidez necessária para que, quando necessário, a ter de se escolher entre o possuir-se mais um trabalhador ou um trabalho mais organizado, na disciplina e eficácia, a opção seja feita sempre pelo que é certo e necessário.

Mais tarde, reconsideradas as atitudes, o tarefeiro ou frequentador invigilante poderá reconhecer o erro da sua conduta e voltar; entretanto, não se terá posto em risco toda uma Obra que não é de um mas de todos os que necessitam de auxílio – e daqueles que amparam e auxiliam, do outro lado da Vida.

Disciplina... tão necessária que só através dela os Guias Espirituais concedem o seu auxílio, eles com uma vida tão intensa e programada que, de outra forma, não podem doar-se a ninguém!

... Tão precisa que, se dispensada, as conversas deixam de ter o teor vibratório necessário a uma boa harmonia do ambiente!

... Tão ligada à reforma íntima que uma não pode conseguir-se sem a outra!

... Tão importante que Emmanuel, ao apontar a Francisco Cândido Xavier os três pontos básicos de serviço que iam iniciar em conjunto, esclareceu:

1º - disciplina.

2º - Disciplina.

3º - Disciplina!

MANUELA V. MARQUES

(In: Revista de Espiritismo da Federação Espírita Portuguesa, Abril de 1988).

*

A CRUZ VAZIA

Tenho a cruz à porta. Vazia.

O Cristo da minha cruz foi cuidar de quem cuida, vestiu a bata e anda nos hospitais do mundo inteiro a segurar a vida que tem andado suspensa nos beirais da História.

O Cristo da minha cruz vai dentro das ambulâncias que correm pelas cidades desertas, em lutas contra o tempo e contra a morte e foi percorrer o mundo inteiro, evitando os desesperos de quem não sabe como vai ser a vida a seguir.

O Cristo da minha cruz foi sustentar o ânimo dos que criam as vacinas, os medicamentos, um meio seguro de nos salvar a todos. Foi ajudar quem trabalha na terra, quem foi pescar, quem faz o pão e mo entrega em casa.

O Cristo da minha cruz foi abraçar os braços vazios de abraços, foi dar a mão a quem morre sozinho, foi limpar as lágrimas dos que não podem dizer adeus a quem amam, dos que andam nas ruas vazias, a recolher o lixo, a desinfetar as praças, a limpar o medo e a acompanhar as solidões que espreitam as esquinas.

A minha cruz está vazia. E eu sei (sabemos todos) que esta Semana Santa será Maior do que tantas Semanas Santas das nossas vidas: Cristo lavará os pés a todos os que, exaustos, não desistem de lutar pela vida e beijá-los-á, certamente, porque são esses os pés que, nos nossos dias, anunciam a esperança e fará com eles a Ceia de Quinta-Feira; estará à beira dos que sofrem e morrem, ajudando-os a percorrer o caminho que une o chão ao Infinito e

consolando os que, à beira das cruzeiras que se erguem no mundo inteiro, têm o coração em frangalhos.

O Cristo da minha cruz (vazia, a minha cruz!) está vivo. É o rosto cansado dos que não vêem os filhos há muitos dias, porque têm de os proteger. Está nas mãos dos que enfrentam o medo (todos têm medo) para ajudar quem precisa. Enxuga as lágrimas dos que estão sós. Está nos que têm de tomar decisões (difíceis as decisões). Está nos que nos mantêm informados e nos dão esperança.

O Cristo da minha cruz (vazia) foi semear esperança no meio do povo. E não o deixa cair na tentação de desanimar, apesar de todos os cansaços, apesar de tudo.

Tenho a cruz à porta. Vazia. O Cristo mudou-se para dentro de cada um.

GRAÇA ALVES

(Este texto foi-nos enviado pelo Irmão José Joaquim Esteves Teiga, da Quarteira. Achamo-lo tão belo que não resistimos a transcrevê-lo aqui, partilhando-o com todos os nossos leitores, da mesma maneira que aquele Irmão o fez, ao partilhá-lo connosco).

*

Enquanto as leis físicas apenas se aplicam ao mundo físico, as leis morais, aplicando-se particularmente ao moral, governam também o mundo físico. – António Lobo Vilela. (Dr.).-

*

LASCIATE OGNI ESPERANZA, O VOI CHE ENTRATE!

Se esta vida estivesse circunscrita
Nos áditos estreitos da matéria;
Se, cravada na terra, a cruz funéria
Fosse o marco, que o sonho delimita;

E se esta ânsia de luz que nos agita
Aqui, numa existência de miséria,
Gelasse, como o sangue numa artéria
Logo que a morte o sonho nos sopita;

E se esta tumba não tivesse porta
Para o Infinito – quem hesitaria
Em se julgar naquela estância morta

Que raio algum do olhar de Deus alcança,
E em cuja porta lôbrega se lia:
«Ó vós que entraís, deixai toda a esperança!?»

EUGÉNIO TAVARES
(Espírita e poeta cabo-verdiano)

(In: Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, Maio/Junho de 1980).

*

DE QUE SERVE FUGIR?...

Espírita, verdadeiramente espírita, não se mata.

O espírita não só não se mata como tem obrigação de saber viver. Não se deve limitar a seguir ao tom da vida, como uma cabeça ôca ao tom da corrente. Não deve crer por crer. Precisa compenetrar-se da causa porque crê, e conhecer a razão por que vive.

A vida na Terra não é um fim, é um meio. O espírito humano, antes de tomar aqui a forma da nossa actual modalidade física, teve outras em outros mundos mais atrasados, de onde veio para este, pelo seu natural progresso evolutivo. Aqui precisa aproveitar a vida, como meio, para a continuação do seu progredir, e fazer jus, pela sua perfeição, a merecer seguir para novas regiões mais perfeitas e mais felizes do que a Terra. Ninguém pode eximir-se ao pagamento desse tributo, ao trabalho e à perfeição. Como nada, no mundo, se faz sem trabalho e sem custo, o aperfeiçoamento espiritual da humanidade não poderá fazer-se fora dessa lei.

De que serve fugir?

Se sofremos, a maneira de combatermos e vencermos o sofrimento é conhecer-lhe a causa. Conhecida, é arrostá-la de frente, com coragem e decisão. Sofremos porque temos orgulho? Lutemos contra ele e esmaguemo-lo. Porque temos vícios, paixões que nos dominem e infelicitem? Enfrentemo-los, reajamos e dominemo-los.

Há coisas que não parecem depender da nossa vontade nem da nossa acção. Essas, porque as não podemos vencer, aceitemos-las como inevitáveis. Quando não pudermos ter o que amamos, amemos o que tivermos. Convençamo-nos de que a dor se vence, só removendo-lhe a causa ou aceitando-a.

De que serve fugir?

Ela acompanha-nos como a nossa sombra, como a nossa consciência. Quanto mais lhe fugirmos, mais ela nos persegue.

O suicídio não resolve as dificuldades da vida. Aumenta-as, complica-as, adulara-as. Aquelas de que queremos escapar-nos, ajunta as provenientes da sanção da lei natural por que se regem os fenómenos da vida humana. Torna mais demoradas e mais árduas as provas por que temos de passar, para destruir as nossas qualidades más e atingirmos o indispensável grau de perfectibilidade, que nos eleva a mundos mais adiantados do que a Terra. Ninguém pode deixar de as dar, ainda que o queira. São inevitáveis e fatais. Quanto mais se demorar, mais se avolumam e quanto mais se avolumam, mais dolorosas são.

De que serve fugir?

Seremos como a criança que, fugindo à correcção materna, aumenta o jus a essa correcção e à própria correcção.

Há desgostos horríveis? Há dores esmagantes? Há. Há desonras a que parece preferível a morte? Há. Há doenças interminavelmente terríveis, a cuja comparação o trágico momento da morte é um consolo? Há. Há misérias, fomes, degradações, saudades, perseguições, para que aos nossos olhos aflitos só a morte parece remédio? Há. A morte seria a suprema amiga dos

desgraçados se não existisse mais do que a vida terrena. Seria o alívio, seria o repouso, seria a felicidade. Mas há a continuação da vida além da morte, como há a continuação do sofrimento.

Todos os que admitem a existência de Deus, Pai de todos nós, suprema idealização de justiça, suprema idealização do amor, suprema idealização da bondade, não poderão, jamais, admitir que Ele criasse uns filhos para a alegria e outros para a dor; uns para a felicidade, outros para o tormento. O nosso raciocínio há-de dizer-nos que, perante a justiça d'Ele, nós teremos o que merecemos. Colheremos segundo semearmos. Se a vida é uma só, desenrolada do nosso passado, no nosso presente e no nosso futuro, nós somos hoje a consequência do que fomos ontem; seremos amanhã a consequência do que formos hoje. Se hoje semearmos males e dores, perseguições e atrocidades, fomes e desonras, porque sofreremos nós hoje de um mal? É porque fizemos, ontem, sofrer outrem de mal semelhante.

De que serve fugir?

A lei é de Deus. A ela não escapamos, a Ele não iludimos. Não nos iludamos nós, supondo-nos tão hábeis que possamos fugir, por uma simples manifestação da nossa vontade, ao que está eternamente determinado.

O dia nascerá, ainda que fechemos os olhos... para o não ver. As dores viverão connosco, ainda que nos matemos para as matarmos. Se fugirmos, voltaremos, e pior do que estávamos. Se isso até é a lei dos homens: delinquente que foge, tem a pena agravada.

Que é preciso fazer? Evitar a delinquência. Sofremos? Procuremos desviar de nós a causa do sofrimento. Se não

pudermos, resignemo-nos, sem protesto, humildemente, pondo toda a intenção do resgate e do arrependimento nessa resignação. Ninguém espera milagres para se salvar, se não de si próprio – das suas obras e das suas intenções.

Não esquecer que, se nas oficinas, os melhores operários são os mais sobrecarregados, nas escolas os melhores estudantes são aqueles por quem os lentes mais puxam, para fazer brilhar; no mundo, muitas vezes, pessoas aparentemente melhores são as que mais sofrem, para mais rapidamente se limparem das faltas por elas cometidas nesta encarnação ou nas anteriores e ganharem a altura que compete às suas boas obras actuais.

De que serve fugir?

Pensemos sempre que a vida é o instrumento que Deus nos deu para lapidarmos a nossa alma. Aproveitemo-la, no que ela tem de aparentemente bom e de aparentemente mau. É tudo bom, afinal. Tendo tudo o mesmo desideratum: - o nosso aperfeiçoamento.

Dos muitos casos que conheço, que muita gente conhece, ressalta sempre esta verdade: - ninguém foge às consequências dos seus actos. O suicídio é uma covardia para uns, que não sabem resistir a essas consequências; É uma rebeldia de outros, à lei eterna da vida, porque se presumem superiores a essa lei. Como consequência fatal a essas duas hipóteses, um agravamento, na intensidade e na prolongação dos sofrimentos consequentes dos seus actos conscientes e responsáveis.

E tanto mais horríveis esses sofrimentos, quando eles recomeçam no momento em que se suporta a sua terminação e se

apresentem sempre com o carácter de uma punição de tempo indeterminado e de remédio desconhecido.

Que quem sofre, bana da sua expectativa a ideia do suicídio, que será sempre o misterioso e horrível agravamento do seu sofrer. Lute, com fé em Deus; reaja até poder, e resigne-se por fim, que a morte lhe chegará sempre. E a quantos, muito mais cedo do que ao bem das suas almas era mister!

Quantos, ao passarem as raias desta vida, ainda se lamentarão de terem vivido tão pouco; de terem sofrido tão pouco, e de tão pouco terem progredido na senda eterna que têm de percorrer!

FERNANDO DE LACERDA

(Do livro biográfico ‘Fernando de Lacerda, o Médiun Português’, pgs. 305/308).

*

NA HORA DE TRANSIÇÃO

Já se ouvem as trombetas da renovação. O mundo velho, abalado na sua filosofia, teima em dar alento ao conservadorismo egoísta, colhendo, aqui e ali, a marcha dos ideais superiores. Os convencionalismos e as estruturas sociais acomodatórias e impeditivas da expansão da justiça, da ordem e da fraternidade, vão sendo relegadas, pesem embora as arremetidas de uns tantos

alienados que, em seus egoísmos exacerbados, procuram pôr em risco o progresso e o bem geral.

A força das coisas vai destruindo as plataformas das estruturas sócio-políticas totalitárias trazendo os homens para realidades mais consentâneas com a sua natureza e fins. A essência da vida em cada homem, ao sôpro do amor divino, está despertando para claridades novas, vencendo as sombras da hipocrisia e da mentira.

Abeiramo-nos do terceiro milénio secundados pela certeza de que o “mundo regenerador” se implantará na Terra, apesar da tenacidade dos anacronismos sócio-políticos e religiosos dos que teimam em permanecer apegados às tradições, temerosos da perda dos privilégios, em face da desvalorização dos suportes dos palcos sociais em que se vêem representando os seus papéis. Por isso, durante algum tempo ainda, os estertores da hidra do orgulho e egoísmo se farão sentir e os seus tentáculos nos vários campos de actividade humana procurarão comprometer as melhores intenções. É que o monodeísmo alienatório do egocêntrico confina-lhe a visão à esfera da materialidade e não lhe permite a noção do futuro e qualquer sensibilidade ao bem colectivo.

Tenhamos cautela. As paixões do orgulho e do egoísmo, são tremendas em qualquer sector ou espaço social. Fechado no seu isolamento mental, o egoísta esparge o fermento tóxico da inveja, do ciúme, do ódio, urdindo sem o menor escrúpulo tramas contra os seus supostos adversários – os homens que trabalham para o bem comum.

“O crescimento moral do ser é, por isso, impositivo inadiável do seu processo evolutivo, a exigir decisão vigorosa para ser levada adiante, sem demora. Os atavismos que se predominam

em arrastamentos comprometedores devem ceder lugar às aspirações enobrecidas que o atrairão para objectivos libertadores. À medida que o homem suplanta a dependência dos vícios e se eleva emocionalmente, acima do estômago e do sexo, terá conseguido valiosos recursos defensivos e terapêuticos contra a parasitose que o infelicitava e o mantém nos círculos das disputas rudes e alucinantes”¹.

O amor que se encontra em toda a parte espera-o para felicitá-lo. Todavia, como decorrência da sensualidade (paixão de comer, beber, fumar, vestir, gozar, viver nos limites dos interesses pessoais mantendo os sentimentos vinculados aos anseios físicos), da qual não prescindir, sem espaço mental ou emocional para a renúncia, a abnegação, a fraternidade, cai na alçada da lei de acção e reacção, que o aguilha e exige o restabelecimento do equilíbrio. Aparece, então, o sofrimento, não porque o Espírito tenha sido criado para sofrer, mas como determinante dos seus desatinos e medida pedagógica adequada à acção educativa que a sua evolução exige.

Vivemos uma fase em que muitos homens, em todos os quadrantes, sem excluir os espíritas, se encontram em trânsito entre as experiências primeiras e a conquista da razão. Apesar dos vínculos fortes à rectaguarda evolutiva, acalentam ideais de enobrecimento, sofrem tédio em relação aos gozos, padecem insatisfações e frustrações, porque já não lhe bastam as sensações fortes desgastantes e, tendo necessidade de mais altos valores íntimos, fogem ao imediato e afastam-se do jogo cansativo dos prazeres físicos. Pressentem a glória do amor e a harmonia da paz e, por isso, juntam-se aos grupos idealistas e apesar das incertezas e conflitos que os assaltam, vez por outra, seguem em frente realizando algo em favor dos que ficam à rectaguarda.

O Movimento Espírita, constituindo um desses grupos, representa um poderoso impulso contra todos os obstáculos à marcha renovadora do Mundo. É que a função do Espiritismo é prosseguir a revolução cristã, tendo nos seus adeptos os construtores e defensores dos ideais da fraternidade universal.

É preciso, contudo, insistir na luta contra a própria inércia espiritual do Movimento Espírita. A sua fortaleza e maior dinâmica somente será atingida quando, à claridade meridiana da fé raciocinada, exemplificarmos a nossa vitória sobre os atavismos psicológicos e desenvolvermos a compostura emocional no relacionamento humano, sobressaindo a tolerância, a humildade, a solidariedade, testemunhos inequívocos da convicção que nos anima.

Na hora de unir esforços no “bom combate”, precisamos levantar bem alta a bandeira norteadora na qual está inscrito, em caracteres luminosos, o princípio fundamental da Justiça Divina: - *Fóra da Caridade não há Salvação*. As consciências iluminam-se, o coração asserena e o amor fraternal estabelece-se em todos os núcleos e instituições, atraindo outras almas, causadoras das animosidades, presunções, conflitos e demais perversidades do mundo, a quem nos cabe confortar e conduzir aos oásis da paz onde impera a soberania do Amor Divino.

Os raios do crepúsculo matutino da filosofia da imortalidade já clareiam os horizontes mentais das criaturas humanas sedentas de verdade. Definem-se os caminhos, apontam-se oportunidades, estabelecem-se directrizes da última hora, avaliam-se os valores de cada um... Está prestes o Reino do Cristo!

Associemo-nos com entusiasmo aos clamores da Verdade, da Justiça, da Ordem, da Paz, e, vencendo as trevas, os tentáculos do anti-Cristo, com a luz da razão e o sentimento nobre que o amor consolida, conclamemos todos à Fraternidade, a grande proposta da Doutrina Espírita.

MANUEL DOS SANTOS ROSA

1 – Bezerra de Menezes, Espírito: in Loucura e Obsessão, psicografia de Divaldo P. Franco.

(Transcrito da Revista de Espiritismo da Federação Espírita Portuguesa, 4º trimestre d 1990).

*

Tenho uma viagem marcada
Mas não sei quando a farei:
Do que tenho, não levo nada;
Só levo aquilo que dei!

ANÓNIMO.

(Quadra cedida pela nossa colaboradora Maria da Purificação Moraes).

Na hora que passa, recordemos...

«Com o nascimento de Jesus há como que uma comunhão directa Céu com a Terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as almas e o Enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do Seu Amor, da Sua Sabedoria e da Sua Misericórdia.

Aos corações abre-se nova torrente de esperanças e a humanidade, na Manjedoura, no Tabor e no Calvário, sente as manifestações da vida celeste, sublime em sua gloriosa espiritualidade.

Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a Sua Boa Nova.

O Evangelho do Cristo é o transunto (modelo, imagem ou retrato fiel, semelhança, reflexo) de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações.

Jesus foi a manifestação do Amor de Deus, a personificação de sua Bondade Infinita».

EMMANUEL

(In: 'Antologia Mediúnica do Natal', psicografia de Francisco Cândido Xavier. Tal como a prece que se segue, estes textos foram-nos enviados pelo Irmão Gerson Sestini, do Rio de Janeiro, Brasil).

DIVINO AMIGO, VEM!

Senhor!

Tu que nos deste no Tempo
O Sábio condutor de nossos destinos,
Faze-nos entender a benção dos minutos
A fim de não perdermos o tesouro dos séculos...

Porque o Tempo, Senhor,
Guardando-nos a alma
Nos braços das horas incessantes,
Embora nos amadureça o entendimento,
Não nos ergue da Terra
Ao encontro de Ti.

Por ele, temos a hora do berço
E a hora do túmulo,
A hora de semear
E a hora de colher,
A hora de rir
E a hora de chorar...

Com ele, temos a experiência
Da dor e da alegria,
Da ilusão e da realidade,
Do conforto e da angústia
Que, em nos transformando o raciocínio,
Não nos alteram o coração.
É por isso, Senhor,

Que Te rogamos
Assistência e socorro!...

Ajuda-nos a cooperar com os dias,
Para que os dias colaborem connosco.
Ensina-nos a buscar
À hora de buscar-Te,
No respeito aos Teus desígnios,
No trabalho bem vivido,
No estudo de Tuas Leis,
No serviço aos semelhantes,
Na contemplação de Tua grandeza
E na acção constante do bem.

Livra-nos da inércia,
Porque sem a Tua benção
A ronda dos milénios
É só repetição,
Prova e monotonia...
Divino Amigo, vem!...
E ampara-nos a senda
Porque, sem Ti, o Tempo,
Embora sendo Luz
E embora sendo Vida,
Sem que Te procuremos,
Deixar-nos-á clamando
Nos abismos da sombra,
Da aflicção e da morte...

EMMANUEL

(In: VOZES DO GRANDE ALÉM, psicografia de Francisco Cândido Xavier).